

A fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento – circunstâncias históricas e pessoais da formação de Tillich

*Carlos Eduardo Calvani**

Resumo

O presente texto destaca alguns aspectos da vida de Paul Tillich nos respectivos contextos históricos que o afetaram em seu período de formação e nos primeiros anos de docência na Alemanha, desde a formação idealista e romântica por ele recebida, suas primeiras preocupações teóricas, sua experiência pastoral no período da guerra de 1914-1918 e as contingências históricas e pessoais que lhe exigiram um profundo exercício de síntese dialética. O objetivo do texto é mostrar que não se pode compreender o pensamento de um autor sem considerar determinadas circunstâncias históricas que exigem um corajoso enfrentamento teórico que não deixará de ser marcado por contingências inerentes à sua vida pessoal.

Palavras-chave: Paul Tillich. Teologia protestante. Idealismo alemão. I Guerra Mundial. Teologia dialética.

The boundary is the best place for acquiring knowledge – historical and personal circumstances of the formation of Tillich

Abstract

The paper highlights aspects of Tillich's life within the historical contexts which marked his training period and first years as a professor in Germany, since the idealistic and romantic training received by him, indicating his first theoretical concerns, his pastoral experience in war (1914-1918) and the historical and personal contingencies that required a profound exercise of dialectical synthesis from him. The aim of the paper is to show that one cannot understand an author's thought without considering certain historical circumstances that require a bold theoretical confrontation that will unavoidably be marked by contingencies regarding their personal life.

Keywords: Paul Tillich. Protestant theology. German Idealism. World War I. Dialectical Theology.

* Teólogo. Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e professor na Universidade Federal de Sergipe. O presente texto foi apresentado em forma de palestra no I Ciclo do GPCOR (Grupo de Pesquisa Correlativos), na UFS em novembro de 2015. Email: cecalvani@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7850710818370320>

La frontera es el mejor lugar para adquirir conocimiento - circunstancias históricas y personales de la formación de Tillich

Resumen

El presente texto señala algunos aspectos de la vida de Paul Tillich en los respectivos contextos históricos que lo afectaron en su período de formación y en los primeros años de enseñanza en Alemania, desde la formación idealista y romántica recibida por él, puntuando sus primeras preocupaciones teóricas, la experiencia pastoral en el período de la guerra de 1914-1918 e las circunstancias históricas y personales que le exigieran un profundo ejercicio de síntesis dialéctica. El objetivo es mostrar que no se puede entender el pensamiento de un autor, sin considerar determinadas circunstancias históricas que requieren una destemida confrontación teórica que no dejará de estar marcada por contingencias propias de su vida personal.

Palabras-clave: Paul Tillich. Teología protestante. Idealismo alemán. Primera Guerra Mundial. Teología dialéctica.

Introdução

Cinquenta anos após a morte de Paul Tillich, sua obra continua chamando a atenção de pesquisadores das novas gerações em muitos países. Dezenas de instituições ao redor do mundo se dedicam a explorar e aprofundar alguns tópicos por ele estudados ou a compreender os pressupostos de seu pensamento, bem como seus limites. Esses grupos estão espalhados por universidades na Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão. Em alguns desses países os pesquisadores se aproximam e organizam sociedades nacionais dedicadas ao estudo da obra de Tillich. As maiores são as da Alemanha e Estados Unidos que realizam simpósios anuais e a sociedade de língua francesa que reúne pesquisadores da França, Bélgica e Canadá. No Brasil, desde 1994 a Sociedade Paul Tillich organiza eventos anuais e publica suas pesquisas na revista *Correlatio*.

Isso sinaliza que estamos diante de um pensador que deixou marcas nos estudos de religião e teologia. O valor do trabalho de Tillich foi reconhecido por diversos estudiosos que se destacaram no século XX, tais como Paul Ricoeur, Adorno, Horkheimer, Harvey Cox, Alexander Irwin, Ninian Smart, John Hick, Mark Taylor e mesmo Gustavo Gutiérrez, que insistiu para que os textos de Tillich sobre socialismo religioso (principalmente “A decisão socialista”) fossem publicados em inglês. Aqui no Brasil ainda não prestamos atenção às constantes referências a Tillich nos escritos acadêmicos de Rubem Alves, principalmente nos anos 1970 e 1980.

O objetivo deste texto é destacar alguns aspectos da vida de Tillich nos respectivos contextos históricos que o afetaram em seu período de

formação e nos primeiros anos de docência na Alemanha. A importância de uma abordagem dessa natureza humaniza qualquer pesquisa, pois seja no caso de Tillich ou de qualquer outro pensador, nunca estamos diante de um “pensamento abstrato ambulante”, mas ante um pensamento que surge de uma história concreta de vida, que se envolve em problemas semelhantes aos nossos, sejam de ordem pessoal ou de ordem política, causando frustrações, sofrimentos e decepções, mas também motivando um corajoso enfrentamento teórico e existencial dessas mesmas questões, ou como o próprio Tillich afirmaria anos mais tarde, uma atitude marcada pela “coragem de ser”.

A maioria dos biógrafos de Paul Tillich divide sua vida em duas fases: a primeira referindo-se ao período na Alemanha (o 1º Tillich), e a segunda, à sua produção nos Estados Unidos (o 2º. Tillich), tendo como marco divisório, o exílio em 1933. Porém, boa parte dos comentadores do período alemão inicia com a palestra de 1919 (*Sobre a ideia de uma teologia da cultura*), proferida na Sociedade Kantiana de Berlim, dando pouca atenção a alguns textos anteriores. O presente estudo tem a intenção de situar o processo de formação e amadurecimento de Tillich em três diferentes contextos: (a) a formação pré-universitária, idealista e romântica, com a fixação inicial em Schelling; (b) o impacto da 1ª guerra e a correspondente autocrítica ao idealismo ingênuo, motivado também por fatores pessoais que o abalaram; (c) o contexto da reconstrução nos anos vinte, no qual se misturavam motivações profissionais (estabelecer-se como professor universitário), intelectuais (situar o debate sobre o lugar da religião na sociedade de sua época), políticas (oposição ao nazismo) e pessoais. Essas observações são feitas levando em consideração alguns elementos da personalidade de Tillich, descritos por ele, por biógrafos e familiares.

A infância e a formação universitária de Tillich – idealismo romântico em um mundo pequeno-burguês

Tillich nasceu em 1886, em *Starzeddel*, uma pequena cidade da Prússia, que hoje é parte do território da Polônia. Após a 2ª guerra essa região fez parte da antiga Alemanha Oriental. Sua biografia autorizada estava sendo preparada desde 1963 por Wilhelm e Marion Pauck, que recolheram documentos e fizeram muitas entrevistas com Tillich, familiares e amigos da Alemanha e Estados Unidos. Paul Tillich, porém, impôs uma única condição – de que a obra só fosse publicada após sua morte. Atendendo a esse pedido, a biografia só foi publicada em 1975, dois anos após a esposa de Tillich, Johanna Tillich (Hanna), ter lançado sua própria autobiografia.

Nas memórias de Tillich e também no testemunho de terceiros, o pai de Tillich é apresentado como um homem autoritário, rígido, severo e elitista,

enquanto a mãe sempre é descrita como uma pessoa dócil, sensível, carinhosa e protetora do primogênito. O rigor, autoridade e severidade do pai seriam mais tarde associados pelo próprio Tillich ao teísmo, enquanto a personalidade da mãe enunciava maior flexibilidade e maleabilidade.

Tillich teve duas irmãs mais novas do que ele. Porém, sua mãe morreu quando ele era adolescente, e o jovem se viu sozinho para ajudar o pai na organização da casa, tendo que submeter-se à autoridade paterna, e sem a mãe para protegê-lo. Essa situação se refletirá mais tarde, em sua vida adulta, principalmente em seu conturbado casamento, cuja intimidade foi dissecada pela esposa Hanna na autobiografia, *From time to time* (TILLICH, H., 1973). O livro de Hanna causou bastante polêmica e foi muito criticado por ex-alunos, admiradores e amigos do casal por seu tom popularesco. Os filhos do casal mantiveram silêncio sobre os livros de Hanna até a morte da mãe em 1988, com 92 anos.

Porém, exatamente no mesmo ano, o filho do casal – René Tillich, psicólogo no Hawái - finalmente se pronunciou em uma palestra na Semana Anual Paul Tillich, promovida pela Universidade de Harvard. O anúncio de sua palestra fez lotar o auditório. René Tillich falou de modo informal, seguindo algumas notas que, mais tarde foram revisadas, editadas e autorizadas para publicação no livro *Spurensuche: Lebens- und Denkwege Paul Tillich*. (TILLICH, R., 2001). No auditório estava também sua irmã Erdmuthe, uma das patrocinadoras da Sociedade Paul Tillich da América. René Tillich informou que Erdmuthe também leu previamente as anotações da palestra, ajudou-o com algumas memórias e concordou com todas as observações de René. O texto, em sua informalidade, é agradável e leve e sua frase final, de certo modo resume o conteúdo do mesmo: “Quero concluir agradecendo a meu pai por me dar a sanidade que possuo e pelo amor e firmeza com os quais apoiou meu crescimento” (TILLICH, R., 2001, p. 21, tradução nossa).¹

No mesmo ano em que Hanna publicou sua autobiografia, Rollo May, ex-aluno e amigo íntimo do casal e que na época já era um psicólogo de renome, apressou-se em publicar um pequeno livro comentando também detalhes da vida íntima de Tillich. May afirma: “eu costumava dizer-lhe que, enquanto sua mente se desenvolvera de modo magnífico, suas emoções

¹ Do original: “I want to conclude by thanking my father for giving me whatever sanity I possess and for the love and steadiness with which he supported my growing up”.

permaneceram no nível de uma criança de doze anos de idade. Ele nunca negou isso”.² (MAY, tradução nossa).

May insiste também em propor que Tillich nunca resolveu o relacionamento edipiano com sua mãe, falecida quando ele tinha 17 anos. A mãe (coincidentalmente, também de nome Johanna) representava a única proteção frente ao forte autoritarismo e severidade do pai. Rollo May sugere que Tillich nunca conseguiu superar totalmente o trauma da perda da mãe e que, apesar da figura pública ser o pai, na verdade, em casa, era a mãe de Tillich quem tomava as decisões mais importantes (MAY, 1974, p. 37).

Rollo May prossegue seu argumento dizendo que “Paulus” não apenas adorava a mãe, mas a possuía do modo mais extremo que uma criança poderia ter. Afinal, ele era o primogênito e o único homem, e mesmo quando já estava garoto, nas fotografias era sempre ele quem se sentava no colo da mãe, e não as irmãs menores. May conclui que “sua relação com a mãe teve uma forte influência sobre o desenvolvimento sexual de Paulus” (MAY, 1974, p. 38, tradução nossa).³ Na interpretação de May, após a morte da mãe, Tillich sentiu-se desamparado e desprotegido perante a forte autoridade e as cobranças paternas. A figura paterna o acompanhou pelo resto da vida, até mesmo na idade adulta quando ainda sonhava com as cobranças do pai já falecido. May e, mais tarde o filho René, atribuem a propensão precoce de Tillich para a vida acadêmica como resultado de um processo inconsciente de fuga (dissociação) e compensação da ausência materna: “sua energia de menino foi então desviada do sexo para o conhecimento” (MAY, 1974, p. 38, tradução nossa).⁴

Durante a infância de Tillich, na transição do século XIX para o século XX, o protestantismo alemão vivia o que ficou conhecido como *Kulturprotestantismus*, um momento no qual a teologia alemã se esforçava por moldar a sociedade de acordo com modelos culturais da burguesia protestante. A intelectualidade prussiana da época respirava o idealismo com um forte tempero de romantismo. Falamos aqui de romantismo enquanto um movimento filosófico e literário, e não como o senso comum entende essa palavra. O romantismo não foi propriamente um movimento irracionalista, embora envolvesse grande dose de paixão. No campo das artes, pode-se

² Do original: “I used to say to him that, while his mind had developed magnificently, his emotions had been left behind at the twelve-year-old level. He never denied it”.

³ Do original: “His relation to his mother had a Strong influence on Paulus’s sexual development”.

⁴ Do original: “His energy as a small boy was thus shifted from sex to knowledge”.

dizer que representou a primeira reação ao Iluminismo e à exaltação da racionalidade. Filosoficamente, era uma tentativa de buscar certo equilíbrio entre Kant, o misticismo de Spinoza e a filosofia de Hegel, valorizando a intuição, o sentimento, a natureza, as artes etc. Tratava-se, enfim, da busca de uma pureza em meio às impurezas de uma vida já contaminada por máquinas e indústrias. Mais tarde Tillich identificaria nesse esforço de síntese, a chave de compreensão do romantismo, que encontrou sua maior expressão na tentativa de Schelling de construir uma radical filosofia da identidade entre sujeito e objeto, finito e infinito, natureza e consciência – tudo envolvido em uma atmosfera luterana de forte tendência pietista.

Há um trecho de suas reflexões autobiográficas que, embora relativamente longo, nos ajuda a compreender elementos da formação de Tillich a partir dos próprios espaços geográficos em que ele se criou – Starzeddel (sua cidade natal) e Schönfliess –, ambas localidades pequenas de origens medievais, com torres góticas que lhe davam “a impressão de um pequeno mundo, protegido e autossuficiente” (TILLICH, p., 1967, p. 3, tradução nossa).⁵ Em um pequeno texto autobiográfico, Tillich reconhece a tendência romântica em seu pensamento, que o impregnou com uma atitude estético-meditativa em relação à natureza, e acrescenta:

Essa talvez seja a razão para o tremendo impacto emocional que a filosofia da natureza de Schelling teve em minha vida [...] Isso é formulado teologicamente em minha doutrina sobre a participação da natureza no processo de queda e salvação [...] Quando eu me pergunto sobre o fundo biográfico dessa chamada relação romântica com a natureza, identifico três causas que provavelmente trabalharam juntas na mesma direção. A primeira foi o contato diário e direto com a natureza em meus primeiros anos e em vários outros momentos ao longo da vida [...] A segunda foi o impacto da poesia. [...] Uma terceira causa desta atitude para com a natureza procede de minha formação luterana. (TILLICH, P., 1967, p. 3; tradução nossa).⁶

⁵ Do original “it gave the impression of a small, protected, and self-contained world”.

⁶ It is the reason for the tremendous emotional impact that Schelling’s philosophy of nature made upon me. [...] . It is theologically formulated in my doctrine of the participation of nature in the process of fall and salvation. [...] When I ask myself about the biographical background of this so-called romantic relation to nature, I find three causes which probably worked together in the same direction. First, I find the actual communication with nature, daily in my early years, in my later years for several months of every year. (...) A second cause of the romantic relation to nature is the impact of poetry [...]. A third cause of this attitude toward nature came out of my Lutheran background

Mas Paul Tillich acrescenta que o romantismo não significava apenas uma relação especial com a natureza, mas também com a história: “crescer em cidades em que cada pedra é testemunha de um período de muitos séculos passados produz uma sensação para com a história, que nos faz vê-la como uma realidade viva em que o passado participa do presente”. (TILLICH, P., 1967, p. 25; tradução nossa)⁷

Dois outros pontos de importância biográfica devem ser mencionados em conexão com sua infância, ambos relacionados ao universo religioso. O teólogo prussiano menciona o fato de ter passado toda sua infância em uma casa paroquial, envolvido com questões litúrgicas de uma paróquia, empreendendo longas conversas teológicas com o pai, e de ter se sentido atraído precocemente pela mística alemã e pelo pietismo.

É a experiência do “sagrado”, que me foi dada naquele tempo como um bem indestrutível e como fundamento de toda a minha obra religiosa e teológica. Quando li pela primeira vez “A ideia do Sagrado” de Rudolf Otto, compreendi o texto à luz dessas primeiras experiências [...] igualmente importantes do ponto de vista existencial e teológico foram a mística e as implicações sacramentais e estéticas da idéia do sagrado, segundo a qual os elementos éticos e lógicos da religião foram derivados da experiência da presença do divino e não o contrário. Isso tornou Schleiermacher atrativo para mim, tal como ele foi para Otto, a ponto de nos induzir (Otto e eu) a participar de movimentos de renovação litúrgica e a propor uma reavaliação de misticismo cristão e não-cristão. (TILLICH, P., 1967, p. 25; tradução nossa)⁸

⁷ To grow up in towns in which every stone is witness of a period many centuries past produces a feeling for history, not as a matter of knowledge but as a living reality in which the past participates in the present.

⁸ The first is the effect which my early life in a parish house had upon me [...]. It is the experience of the “holy” which was given to me at that time as an indestructible good and as the foundation of all my religious and theological work. When I first read Rudolf Otto’s *Idea of the Holy* I understood it immediately in the light of these early experiences [...]. Equally important existentially as well as theologically were the mystical, sacramental, and aesthetic implications of the idea of the holy, whereby the ethical and logical elements of religion were derived from the experience of the presence of the divine and not conversely. This made Schleiermacher congenial to me, as he was to Otto, and induced both Otto and myself to participate in movements for liturgical renewal and a revaluation of Christian and non-Christian mysticism.

Aos 14 anos a família mudou-se para Berlim onde o adolescente Paul Tillich cursou o Ginásio e, com a constante cobrança do pai, dedicou-se aos estudos secundários. Dentre as “habilidades e competências” exigidas a um adolescente da época, estava um bom domínio do grego e do latim, além de um forte embasamento filosófico. Ênio Muller observa que “um aluno normal em tais escolas poderia falar com precisão invejável da ética aristotélica, lida em grego, além dos clássicos latinos” (MUELLER, 2005, p. 14).

Tillich ingressou na Universidade em 1904, com 18 anos. O sistema educacional alemão permitia aos que tivessem condições, frequentar cursos em diferentes universidades até concluir os créditos necessários. Desse modo, estudou em Berlim, Tübingen e Halle, um forte centro pietista da época. Porém, como estava matriculado oficialmente em Berlim, foi lá que concluiu os exames finais. Sua classe social lhe permitiu o privilégio de cursar Teologia e Filosofia simultaneamente. Nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's), apresentou, na Faculdade de Teologia, um trabalho exegético sobre o conceito de Logos no evangelho de João, e para a Faculdade de Filosofia, apresentou um trabalho sobre as concepções monistas e dualistas do mundo e suas influências no cristianismo. Esses temas já enunciam uma tendência que acompanhará o pensamento de Tillich em toda sua trajetória – refletir sobre os paradoxos, atentar para as contradições e buscar uma síntese, ou uma conciliação entre dois polos aparentemente antagônicos. É nesse período que surge o embrião do que mais tarde será desenvolvido como “método da correlação”.

Os cursos de pós-graduação foram iniciados imediatamente após o término das faculdades. Seu primeiro doutorado, em Filosofia, foi defendido na Universidade de Breslau, com uma tese intitulada “*A Construção da História da Religião na Filosofia Positiva de Schelling – pressupostos e princípios*”, defendida com 24 anos. Falta-nos uma edição em português desse texto que, em inglês, traz uma excelente introdução e análise de Victor Nuovo (TILLICH, P., 1974). Curiosamente, a reflexão sobre a História da Religião também foi o tema de sua última conferência dias antes de morrer. O segundo doutorado, em Teologia, também foi sobre Schelling, defendido no ano seguinte na Universidade de Halle. O título foi: “*Misticismo e consciência de culpa no desenvolvimento filosófico de Schelling*”, publicado em forma de livro apenas em 1974 (TILLICH, P. 1974).

Vários pensadores estão constantemente presentes nos subterrâneos da obra de Tillich, o que torna seu pensamento um tanto eclético e desafiador aos comentaristas (ver, p. ex., CALVANI, 1995 e RIBEIRO, 2003). Desde a mística

de Jacob Boehme, a teologia de Lutero, o existencialismo de Kierkegaard – “nos anos de 1905 a 1907 fomos fascinados por Kierkegaard” (TILLICH, P., 1986, p. 158) – e Schleiermacher, de quem ele extrai boa parte de seu conceito de religião como sentimento de dependência absoluta, uma percepção intuitiva da dimensão do infinito. Ou seja, “sentimento” aqui (Gefühl) tem uma profundidade muito maior do que mera função emocional ou psicológica, abrangendo também uma conotação epistemológica e ontológica, sendo basilar para o que Tillich chamará posteriormente “preocupação última” ou “preocupação incondicional”.

Porém, não se pode compreender o pensamento de Tillich sem dedicar especial atenção a Schelling. Afinal, Schelling foi o objeto de pesquisa de seus dois doutorados e é de Schelling – ou a partir de seus escritos - que Tillich elabora muitos conceitos como o demônico, as ambiguidades da vida, a dinâmica dos símbolos, a importância dos mitos e a dinâmica entre natureza, história e subjetividade. No Brasil, Eduardo Gross (2004) e Paulo Leal (2015) já deram início a essa pesquisa que vem sendo desenvolvida também por Thomas O’Meara, do Departamento de Teologia da Universidade de Indiana (O’MEARA, 1987). Ao ler a primeira tese de doutorado de Tillich, escrita em 1910, encontramos ali muitos referenciais que o acompanharão ao longo de sua vida acadêmica. A tese é uma reflexão ontológica sobre a história das religiões, a partir das potências schellingianas: não-ser (*me-on*), ser (*on*) e *nous* (mente, inteligência, logos). Estão aí as raízes dos conceitos de demônico e de ambiguidade desenvolvidas pelo estudioso prussiano e do próprio método da correlação. Minha insistência em Schelling deve-se ao fato de que, em diferentes épocas de sua vida, o próprio Tillich faz questão de frisar o impacto que Schelling lhe causou:

Lembro-me do momento inesquecível em que, por acaso, comprei um exemplar da raríssima primeira edição das obras completas de Schelling em um sebo no caminho da Universidade de Berlim. Eu não tinha muito dinheiro, mas comprei o livro mesmo assim. Esse gasto do dinheiro que eu não tinha foi, talvez, o mais importante de minha vida. O que aprendi de Schelling determinou minha linha de pensamento filosófico e teológico (TILLICH, P., 1986, p. 142).

O que Paul Tillich viu de tão importante em Schelling foi a possibilidade de um pensamento teônimo, capaz de unir Filosofia e Teologia. Porém, o

próprio Tillich percebeu que esse idealismo recebeu um forte golpe histórico por ocasião da 1ª guerra:

Foi a obra de Schelling, particularmente sua última fase, que me ajudou a relacionar essas ideias teológicas básicas com meu desenvolvimento filosófico. A interpretação filosófica que Schelling fez da doutrina cristã me abriu um caminho para unificar a teologia e a filosofia. [...] confesso que ainda hoje encontro mais ‘filosofia teônoma’ em Schelling que em qualquer outro idealista alemão. Mas nem mesmo ele foi capaz de realizar a unidade entre teologia e filosofia. A 1ª guerra foi desastrosa para o pensamento idealista em geral. A filosofia de Schelling foi afetada por essa catástrofe [...] A experiência daqueles quatro anos de guerra revelou para mim e para minha geração um abismo na existência humana que não pode ser ignorado. Se a reunião entre teologia e filosofia é ainda possível, ela deve ser buscada apenas na síntese que justifica essa experiência do abismo em nossas vidas (TILLICH, P., 1966, p. 51-52; tradução nossa)⁹.

A formação inicial de Tillich dá-se, portanto, nesse contexto – de idealismo romântico e aparente segurança e estabilidade em um mundo pequeno burguês, que não percebia que aquele mesmo mundo gestava um monstro que emergiu em 1914. Em breve, a aparente segurança dos vilarejos protegidos por muros e torres góticas, de um mundo idílico e poético, seria confrontada com o horror da guerra.

Cruzando a fronteira na vida adulta – experiências pastorais e a crise da guerra

Outros dois momentos decisivos da vida de Tillich e importantíssimos para compreender certos desdobramentos em seu pensamento dizem respeito

⁹ It was the work of Schelling, particularly his late thought, which helped me relate these basic theological ideas to my philosophical development. Schelling’s philosophical interpretation of Christian doctrine opened the way, I thought, to a unification of theology and philosophy [...]. I confess that even today I find more ‘theonomous philosophy’ in Schelling than in any of the other German idealists. But not even he was able to achieve a unity of theology and philosophy. World War I was disastrous of idealistic thought in general. Schelling’s philosophy was also affected by this catastrophe [...] The experience of those four years of war revealed to me and to my entire generation an abyss in human existence that could not be ignored. If a reunion of theology and philosophy is ever to be possible it will be achieved only in a synthesis that does justice to this experience of the abyss in our lives.

à sua fase já adulta: a experiência pastoral e a capelania durante a guerra de 1914 a 1918.

Paul Tillich foi ordenado ao ministério luterano na Igreja Evangélica de São Mateus, em Berlim, em agosto de 1912 e, durante dois anos trabalhou como pastor-assistente de uma pequena comunidade de trabalhadores em um bairro industrial. Pela primeira vez na vida, o jovem pequeno-burguês estava em contato direto com os pobres e com seus problemas concretos. Ali, responsável por organizar círculos de debates com os jovens da comunidade, deu-se conta da enorme distância entre sua linguagem acadêmica e a linguagem do povo. Logo percebeu, na classe de confirmação, que a palavra “fé” não tinha muito significado para sua comunidade, ou que outros termos estavam excessivamente contaminados pelo senso comum, tais como as palavras “pecado” e “salvação”.

Seu colega de pastorado chamava-se Richard Wegener e ambos organizaram um ciclo de debates com temas que já enunciavam um incipiente método da correlação, tais como “o misticismo da arte e o misticismo religioso”. Naquela época, Tillich conheceu Margarethe (Greti) Wever, sua primeira esposa e após um noivado de seis meses, casaram-se em setembro de 1914. Contudo, um conflito bélico que aparentava ser rápido, ganhou proporções muito maiores – era o início da chamada “1ª Guerra”, e no mês seguinte ao casamento, o jovem otimista se voluntariou a ingressar no exército prussiano, atuando como capelão.

Os anos da guerra foram decisivos para que muita coisa mudasse em sua vida. Tillich iniciou o ano de 1915 como um jovem idealista, conservador, quase aristocrata e pietista e com uma tendência ética de influência puritana, acreditando no bom e providente deus do teísmo tradicional. Ao final da guerra ele era exatamente o oposto – pessimista, socialista, boêmio e crítico do teísmo.

Logo no primeiro mês de serviço militar, no curto espaço de três semanas, Tillich dirigiu 19 ofícios religiosos, redigindo um diferente sermão para cada ofício, e muitos desses eram funerais de soldados. Esses sermões só recentemente estão sendo compilados e editados para pesquisas futuras, a partir dos arquivos de Tillich sob a guarda da Universidade de Harvard.¹⁰

¹⁰ Ver, p. ex., WEAVER, Matthew L. Thrown to the Boundary: Tillich’s World War I Chaplaincy Sermons. **Bulletin of the North American Paul Tillich Society** Vol. 32, number 2 Spring 2006, p. 21-27.

Em fevereiro de 1915, quatro meses após o alistamento, escreveu a uma amiga dizendo que estava vivendo em total tristeza e solidão e experimentando a morte diária ao seu redor. Mais tarde, registrou em *My Search for Absolutes*:

A Primeira Guerra Mundial foi o fim do meu período de preparação. Já nas primeiras semanas, meu entusiasmo inicial desapareceu. Após alguns meses, eu estava convencido de que a guerra iria durar indefinidamente e arruinar toda a Europa. Acima de tudo, eu vi que a unidade das primeiras semanas era uma ilusão, que a nação estava dividida em classes e que o proletariado considerava a igreja uma inquestionável aliada dos grupos dominantes (TILLICH, P., 1967, p. 39; tradução nossa).¹¹

A experiência na guerra foi crucial para o pensamento e a personalidade de Tillich. Ele, que crescera admirando a disciplina militar, a aparente solidez das estruturas da sociedade prussiana e que nunca questionara a aristocracia, de repente compreendeu a fragilidade desse mundo. Em sua autobiografia, reconhece que, embora já nutrisse simpatias por causas sociais, seu posicionamento político era muito alienado e que somente no último ano da guerra percebeu a conexão entre capitalismo e imperialismo, a crise da sociedade burguesa e a divisão de classes. Essa percepção não foi abrupta, mas gradativa, e incluía um forte questionamento de todo teísmo no qual ele fora formado e que reproduzia, enquanto pastor. Em entrevista à revista *Time* em março de 1959, ele recorda uma noite durante a guerra, durante a qual “não fiz outra coisa senão caminhar entre feridos e moribundos. Muitos eram meus amigos íntimos [...] naquela noite, grande parte de minha filosofia clássica ruiu aos pedaços [...] tratava-se da libertação definitiva da heteronomia [...] O niilismo europeu desfraldava o dito profético de Nietzsche: ‘Deus está morto’. Pois bem, o conceito tradicional de Deus estava mesmo morto” (TIME, 6 de março de 1959, apud MONDIN, 1987, p. 67).

Durante todo o tempo de guerra, Tillich conseguiu apenas alguns poucos períodos de licenças curtas para visitar a esposa. Mas a maior parte do seu tempo foi vivida mesma entre quartéis ou nos *fronts*. Nesses lugares,

¹¹ The First World War was the end of my period of preparation. (...) The first weeks had not passed before my original enthusiasm disappeared; after a few months I became convinced that the war would last indefinitely and ruin all Europe. Above all, I saw that the unity of the first weeks was an illusion, that the nation was split into classes, and that the industrial masses considered the Church as an unquestioned ally of the ruling groups. This situation became more and more manifest toward the end of the war.

era responsável por breves ofícios diários de oração, visita aos enfermos em hospitais de guerra, apoio espiritual a familiares, cultos dominicais e muitos funerais. Era seu costume escrever para cada diferente ofício uma meditação. Um dos textos bíblicos mais utilizados era o Salmo 90: “Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração. Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (BÍBLIA, 1993, p. 539).

Durante a guerra, foi internado quatro vezes – teve um colapso nervoso após dirigir os ofícios de Natal em 1915, e outro após a morte de um de seus amigos mais íntimos. O jovem soldado foi morto no *front* e Tillich, encarregado do funeral, não conseguiu concluir a liturgia. Escreveu para a ocasião apenas algumas notas de última hora para falar livremente baseando-se em Romanos 8.38-39 – “Estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus” (BÍBLIA, 1993, p. 169b.). Houve mais duas internações durante a guerra e um breve período de licença na cidade. Foi durante essa licença que sua sensibilidade se moveu para o campo das artes, e ao visitar um museu de Berlim, se deparou com uma Madonna, de Boticelli:

Contemplando-a, fui tomado por um estado muito próximo ao êxtase. Na beleza da pintura havia a própria beleza-em-si. Brilhava através das cores do quadro como a luz do dia brilha através dos vitrais de uma igreja medieval. Aquele momento afetou toda a minha vida, dando-me as chaves para a interpretação da existência humana, produzindo vitalidade e verdade espiritual. Eu o comparo com o que é geralmente chamado de ‘revelação’ no linguajar teológico (TILLICH, P.,1987, p.235 apud CALVANI, 1995, p. 29).

Curiosamente, é uma Madonna – mãe, carinhosa, segurando nos braços um bebê indefeso perante o mundo.

As desilusões da guerra vieram acompanhadas também de desilusões pessoais e pastorais - ao final da guerra, Tillich descobriu que sua primeira esposa, Greti, estava vivendo um caso extraconjugal com um amigo em comum e que, inclusive estava grávida. O amigo era o pastor que trabalhara com ele na comunidade de operários, Richard Wegener. O casamento acabou em 1918 e se divorciaram oficialmente em 1922. No mesmo ano sua irmã Johanna morreu no parto. Ainda em 1922 conheceu outra Johanna com quem se casou em 1924, durante os conturbados anos da República de Weimar.

A reconstrução – os anos vinte até o exílio em 1933

Em meio a todas essas tensões, ao final da guerra, Tilich se dedicou a tentar uma cátedra universitária. Tudo o que vivera, o fizera desanimar profundamente do ministério pastoral. Um de seus textos mais valiosos foi escrito logo após a guerra e apresentado em 1919 perante a Sociedade Kantiana de Berlim, intitulado “Sobre a ideia de uma teologia da cultura”. É um texto seminal, no qual já se enuncia uma nova abordagem metodológica para a relação entre religião e cultura, que viria a ser aprofundada no livro de 1925, *Filosofia da Religião*. (TILLICH, P. 1976). Nesse texto já aparecem claramente alguns conceitos que o acompanharão ao longo da vida, tais como a tríade forma-conteúdo-substância (*Form, Inhalt, Gehalt*), a tríade “heteronomia, autonomia e teonomia”, a reflexão sobre religião como “orientação para o Incondicional” e o apreço pelo estilo de arte expressionista. Nesse texto já encontramos também a ideia de religião como fundamento e substância de toda cultura. A famosa frase “cultura é a forma da religião; religião é substância da cultura” nasce nesse contexto.

Os anos vinte foram muito difíceis para Tillich do ponto de vista pessoal porque em virtude do afastamento durante a guerra, ainda lhe faltava estabilidade profissional. Por isso lecionou em diferentes universidades, sempre com contratos temporários, na condição de “professor substituto”. Mas durante esse tempo se dedicou a escrever textos que o ajudaram a se firmar no cenário acadêmico da Alemanha. Além do artigo acima referido, há outro, também importante por ser sua primeira inserção no campo político em 1919 - “*O socialismo como questão para a Igreja*” (TILLICH, P. 1988), no qual defende que o socialismo não é, propriamente, um pensamento ateu, mas que seus fundamentos religiosos – já presentes nos textos bíblicos –, convocam as igrejas a retomar uma agenda social. Em 1922, novamente perante a Sociedade Kantiana de Berlim, proferiu outra conferência intitulada “*A superação do conceito de religião na filosofia da religião*”, no qual desconstrói o conceito tradicional de religião com vistas a pensar esse fenômeno de outra maneira.

Naquela época a religião sofria ataques de diversos flancos. Marx já a denunciara como “ópio do povo”; Feuerbach a conceituara como projeção de desejos e aspirações humanas; Nietzsche proclamara a “morte de Deus”, Freud estava escrevendo “O futuro de uma ilusão”, publicado em 1927 e, no próprio campo da Teologia, a religião recebia uma vigorosa condenação de Karl Barth. A principal crítica do teólogo prussiano, porém, era outra. Para ele, todas essas considerações atingiam apenas superficialmente a questão.

Ou seja, não estavam de todo errôneas, mas situavam a religião em alguma esfera particular, seja teórica, prática, emocional ou neurótica. Tal discussão era um aprofundamento da reflexão que já vinha se desenvolvendo desde o Iluminismo sobre o lugar da religião na modernidade. Qual o lugar da religião e da Teologia num ambiente que já não a deseja? Em um mundo que se considera “emancipado” e “iluminado”? Qual o lugar da religião em um ambiente que apenas a suporta como respeito aos mais velhos e deferência educada a uma velha senhora idosa que já se sabe que dali a pouco irá morrer, de causas naturais ou com as tripas arrancadas para enforcar o último rei?

Apesar da instabilidade, os anos vinte foram muito produtivos academicamente, pois foi durante essa época de turbulência política, social e pessoal que se solidificam os conceitos de *kairos*, demônico e a tríade autonomia-teonomia-heteronomia, a partir de livros muito importantes como “*O Sistema das Ciências*” (1923) e “*A situação religiosa do tempo presente*” (1926). Mas naturalmente há uma preocupação especial com a questão política em virtude da instabilidade da República de Weimar e que culminou na ascensão do nazismo.

Tillich morou e trabalhou em Berlim entre 1919 e 1924. Nos primeiros meses, sua situação financeira era tão instável que ele foi apoiado financeiramente por um amigo de sua antiga paróquia. Mas em Berlim conseguiu algumas aulas na Universidade e ofereceu um curso sobre “*Cristianismo e os problemas sociais do tempo presente*”. Completava sua renda escrevendo pequenos artigos para jornais (alguns desses artigos também estão sendo recuperados nos arquivos da Alemanha), fazendo palestras em círculos socialistas e alugando um quarto de seu apartamento para estudantes. Em 1924 assumiu aulas de Teologia em Marburg, onde lecionavam Heidegger e Bultmann. Mais tarde comentaria, ironicamente: “sempre me recordo do sermão ateu que Heidegger pregou uma vez para nós, com suas categorias pietistas” (TILLICH, P.;1986, p. 83). Em Marburg seu único amigo íntimo, conforme testemunho da esposa Hanna, foi Rudolf Otto, já famoso pela publicação de “*O Sagrado*” (*Das Heilige*) em 1917. Mas, Tillich não era titular e, findo seu período de contratação, mudou-se em 1926 pra lecionar “*Ciência da Religião*”, em Dresden. No final de 1927 acumulou também aulas na Universidade de Leipzig. Dois anos depois, conseguiu finalmente certa estabilidade em Frankfurt para onde se mudou em 1929 a fim de assumir, como titular, a cátedra de Filosofia.

Em Frankfurt havia um grupo de jovens intelectuais marxistas, formado por professores e alunos, que estava organizando um instituto que mais

tarde ficou conhecido como “Escola de Frankfurt” ou o grupo da “Teoria Crítica”. É um período importante na filosofia do século XX. Porém, poucos comentaristas da área de Filosofia lembram a importância de Tillich para a Teoria Crítica. Todos os biógrafos informam que, por ser o mais velho, ele era uma espécie de mentor e incentivador do grupo. Esse círculo começou como uma espécie de “Grupo de Pesquisa”. Adorno era estudante, 16 anos mais novo que Tillich, e este foi seu orientador na tese sobre a estética de Kierkegaard. A amizade entre os membros do grupo era muito intensa. Era a esquerda intelectual da época. Foi Tillich quem mais se empenhou politicamente na burocracia universitária para que Horkheimer, oito anos mais novo que ele, assumisse a presidência do Instituto. Há um elucidativo artigo escrito pelo professor Ênio Mueller sobre as relações entre Tillich e os líderes da Escola de Frankfurt, disponível aos interessados, com trechos de depoimentos de Adorno e Horkheimer sobre a importância do teólogo para ambos, não somente na Alemanha, mas também nos primeiros anos de exílio na América (MUELLER, 2005).

Além das atividades teóricas junto a esse grupo de intelectuais socialistas, Paul Tillich na época se envolveu intensamente na crítica a Hitler e ao Partido Nacional-Socialista. Escreveu artigos e pequenas teses contra o nazismo e participava de reuniões clandestinas. Em Frankfurt foi assistir pessoalmente Hitler em um auditório e sentou-se na primeira fila. Ao voltar, comentou com Hanna que viu nos olhos de Hitler a materialização de tudo aquilo que ele formulara no conceito de demônico (TILlich, H., 1973, p. 149). Essas reuniões políticas resultaram na publicação de um livro intitulado “*A decisão socialista*”, em 1933. Naquela época a Alemanha estava em ebulição política, e o livro de Tillich foi queimado publicamente, juntamente com outros textos da época. No mesmo ano seu nome apareceu na primeira lista de professores exonerados de seus cargos nas Universidades.

Hanna Tillich (1973) conta que muitos intelectuais, já pressentindo o pior, estavam se exilando, mas que Paul Tillich resistia a tomar esse passo. Em 1933 ambos foram a um culto em uma Igreja em Berlim e, no altar estava uma suástica ao lado da cruz. Diz ela:

Tínhamos ido até a galeria e ficamos olhando a nave. Paulus começou a xingar: “que instituição diabólica é a massa - que idolatria”. Um camisa-marrom se virou, e eu ergui os braços de Paulus na saudação nazista, e logo saímos. Ele correu pela avenida, praguejando. [...] Eu estava orgulhosa dele. [...]. Nin-

guém, ninguém no mundo mudaria suas convicções espirituais e intelectuais, nem mesmo seu pai, sua esposa, nem todo um mundo em turbulência. Ele deixaria o país e só retornaria depois que a guerra acabasse. (TILLICH, H., 1973, p. 156; tradução nossa)¹²

A maturidade em uma nova fronteira: a América

Na América do Norte Tillich viveu e lecionou inicialmente em Nova York, depois em Harvard e finalmente em Chicago. A adaptação inicial não foi nada agradável. Tillich era um imigrante, com 47 anos e que não falava uma palavra em inglês, o que lhe causou enorme depressão. Para quem, na Alemanha, exercia liderança e tinha uma produção tão prolífica, isso certamente representou nova instabilidade em uma nova fronteira. Nos primeiros anos, incomodava-se muito com o que considerava falta de respeito dos alunos norte-americanos que riam às gargalhadas em suas aulas em virtude do sotaque, frases de duplo sentido e a incapacidade de compreender perguntas básicas. Ele chegou a escrever a uma amiga dizendo:

O que eu estou experimentando aqui é a segunda morte. A primeira morte era inimaginável e mais ameaçadora; a segunda morte é mais refinada e amarga. Embora eu não esteja sofrendo em qualquer aspecto – há uma boa receptividade aos meus cursos, os colegas são amáveis e eu esteja aos poucos melhorando minha fluência em inglês – o fato de estar vivendo uma experiência de morte não pode ser negado. (Carta para Lily Pincus, 1934, citada por ALBRECHT, R. 1987, p. 11, tradução nossa).¹³

Às dificuldades com o novo idioma somaram-se dificuldades financeiras. A América ainda vivia os rescaldos da grande depressão econômica resultante da quebra na bolsa de valores em 1929. Para aumentar a renda, o casal teve

¹² Red Nazi flags with the swastika stood around the altar. We had gone up the balcony and were looking down on the nave. Paulus started cursing, ‘What a devilish institution is the mass – what idolatry!’. A Brown Shirt turned around, I threw Paulus’s arms up in the Nazi salute; we left. He ran down the wide street, cursing and swearing aloud. [...] I was very proud of him. [...] But nobody, nobody in the world could change his spiritual and intellectual convictions, neither his father, his wife, nor a whole world in turbulence. He would leave the country and he would come back after it was all over.

¹³ What I experience here, is the second death. The first death was unimaginable and most threatening, the second death is more reaffirmed and bitter. Although I don’t have to suffer in any respect – a good beginning of my courses, kind colleagues, improving the English language; (...) – the fact of standing in the death cannot be denied

de alugar um dos quartos do apartamento em que moravam para estudantes. Segundo Hanna Tillich (1973), houve ocasiões em que Tillich necessitou recorrer a empréstimos de amigos, o que era muito difícil para ele, pois fora de casa ele era um conceituado professor e presidente de uma associação de apoio a imigrantes, mas na vida privada seu salário era baixo, o que lhe acarretava muitas dificuldades para manter a família em uma cidade cara como Nova York. O casal fazia longas caminhadas ao centro, economizando o dinheiro de ônibus ou táxis e procurando lugares mais baratos para comprar mantimentos e roupas.

Hanna Tillich (1973) reconhece que, em virtude da situação financeira e da dificuldade para se comunicar em inglês, Paul entrou em depressão. Contudo, sua forma de lidar com essa situação era se aprofundando no trabalho, escrevendo compulsivamente e, conseqüentemente, afastando-se do convívio familiar, o que contribuía para aumentar os conflitos conjugais. Em virtude dessas atitudes dissociativas, Hanna por várias vezes pediu divórcio, mas naquelas horas o marido se desesperava, pois, segundo ela, “Paulus considerava o casamento uma decisão da vontade” (TILLICH, H., 1973, p. 190, tradução nossa)¹⁴

Os conflitos entre Tillich e Hanna eram constantes. O filho René atribui essa situação à personalidade dissociativa de Tillich e ao temperamento explosivo de Hanna. A tendência dissociativa se manifestava no fato de Tillich focalizar suas energias no trabalho teórico a fim de se proteger de situações potencialmente tensas. Quanto à mãe, René Tillich (2001) a define como AMAC (um adulto molestado quando criança), e que durante toda sua vida demonstrou sintomas desse abuso, desenvolvendo uma personalidade do tipo *borderline*¹⁵, com tendências a sexualizar todas as experiências, alimentar ciúmes excessivos e distorcer toda a realidade em categorias sexuais. Segundo René, Hanna frequentemente acusava Paul de estar envolvido com mulheres com quem ele nem tinha amizades, e recorda:

Uma noite durante uma viagem com Paul, hospedamos-nos em um hotel e as camas eram próximas uma das outras. Eu rapidamente as separei, enquanto ele observava cuidadosamente e apenas disse, ‘Hanna tem conversado com você’. Eu Lamento por ter lhe causado essa humilhação. Ele simplesmente aceitou o que eu fiz e não disse nada. Paul sempre se comportou de modo muito adequado comigo. (TILLICH, R., 2001, p. 12).

¹⁴ Paulus considered marriage a decision of the will.

¹⁵ Transtorno de personalidade limítrofe, marcado pela instabilidade emocional.

Situações como essa talvez nos ajudem a compreender porque Rollo May (ano), ao interpretar a personalidade de Tillich, afirma que o teólogo enfrentava de modo muito pessoal e intenso momentos de angústia e ansiedade que o levavam a se desligar dos acontecimentos à sua volta e se recolher em mutismo e solidão.

Nos anos cinquenta (1950) as tensões conjugais do casal diminuíram. Com o fim da guerra, o casal pôde retornar à Alemanha em algumas ocasiões a fim de visitar familiares e amigos. Contudo, já relativamente adaptados à América, decidiram manter residência lá. A prosperidade da economia norte-americana fez também com que a situação financeira do casal melhorasse bastante. Naquela época Tillich já era constantemente convidado para palestras bem remuneradas em universidades de diferentes países e os direitos autorais de seus livros representavam uma importante fonte extra de renda. Além disso, a cobiçadíssima cátedra que ele assumiu em Harvard em 1955 representou um significativo aumento de salário. Os filhos já estavam na faculdade e o casal conseguiu, finalmente, adquirir seu único imóvel – uma casa em East Hampton.

As dificuldades de adaptação, o fato de sentir-se por muito tempo um cidadão de segunda categoria na América, as preocupações com a situação da Alemanha dividida durante a guerra fria (lembremo-nos que, por ser oriundo da parte oriental da Alemanha, a região onde Tillich cresceu e onde moravam seus familiares, agora fazia parte do bloco comunista) talvez nos ajudem a considerar com mais sensibilidade temas desenvolvidos por Tillich nos livros escritos durante os anos cinquenta e sessenta, tais como “A coragem de ser”, “Amor, poder e justiça – análises ontológicas e aplicações éticas” e “Morality and beyond”. Circunstâncias políticas (exílio), sociais (instabilidade financeira), pessoais (relacionamento conjugal) aproximaram Tillich do existencialismo, situando-o em uma fronteira teórica bastante difícil de equilibrar, mas que o ajudou a temperar o idealismo e romantismo de sua formação inicial. Por isso, o próprio teólogo expressou:

Muita gente me pergunta se eu sou um teólogo existencialista, e a minha resposta é sempre curta. Eu digo, ‘cinquenta por cento’. Quero dizer que para mim o essencialismo e o existencialismo andam juntos. O puro essencialismo é impossível para quem se envolve pessoalmente na situação humana e não pretende sentar-se no trono de deus como Hegel, a construir a história do mundo chegando à consumação, em princípio, na sua filosofia. Era a arrogân-

cia metafísica do puro essencialismo [...] Por outro lado, o puro existencialismo não é possível porque sempre se usa linguagem para se descrever a existência. Ora, a linguagem trata de universais. Ao empregar universais, a linguagem, pela própria natureza, é essencialista e não pode fugir disso. [...] A teologia precisa considerar os dois lados, a natureza essencial do homem, maravilhosa e simbolicamente expressa na estória do paraíso, e a condição existencial do homem, sob o pecado, a culpa e a morte. (TILLICH, P., 1986, p. 226).

A partir do título dessa comunicação sobre as fronteiras teóricas e existenciais nas quais Tillich desenvolveu seu pensamento, também é preciso mencionar sua morte, posto que se trata da última fronteira da vida. Tillich morreu em 1965, com 79 anos, na semana seguinte à sua participação em um Seminário sobre história das religiões, organizado em Chicago pelo amigo Mircea Eliade. Hanna Tillich (1973) diz que, embora já estivesse aposentado e com problemas cardíacos, estomacais e diverticulite, ele era viciado em trabalho, e o tema o fascinava. Sua saúde já não estava muito boa, mas ele participou ativamente do Simpósio e, no dia seguinte começou a passar mal. Foi internado em um hospital de Chicago. Hanna Tillich (1973) assim relembra seus últimos momentos com Paul após uma convulsão:

Eu segurei sua mão e disse à enfermeira, “segure sua mão”. Ela estava de pé do outro lado da cama [...] A enfermeira disse: ‘É melhor você sair agora, vai ser muito difícil para você’. Eu balancei minha cabeça, e segurei sua mão; de repente, ele soltou, seu corpo se ergueu como se em êxtase, ele caiu para trás, sua boca estava aberta e seu rosto ficou amarelado. Um médico entrou. A enfermeira me levou a uma cadeira perto da janela. O médico olhou seus olhos “Você tem uma lanterna? ‘Alguém trouxe uma, e ele iluminou seus olhos. Ele fechou suas pálpebras com um gesto profissional e gentil. Ele absteve-se de puxar o lençol sobre o rosto e se virou para mim. “Ela pode ficar por pouco tempo”, disse ele. Alguém veio e tirou o oxigênio [...] Eu não tinha trazido nada para o hospital desde que ele adoecera, exceto suas Bíblias – um pequeno Novo Testamento em Grego, a Bíblia em alemão, que tinha sido sua desde o primeiro ano de vida, e uma versão em inglês. Esperava ler a Bíblia para ele quando se tornasse inquieto, caso ele me pedisse, mas ele apenas tocou a versão grega com a mão frágil. Não desejou ver as outras Bíblias, nem quis que eu lesse para ele. Eu estava feliz. Ele

pertenciam a ele ao mundo, ao cosmos, não a um livro. (TILLICH, H., 1973, p. 224; tradução nossa).¹⁶

Considerações finais

Procuramos destacar neste texto, de modo bastante introdutório, algumas situações do “contexto” no qual Tillich viveu porque nenhum pensador elabora seus conceitos, artigos e livros no vácuo. Por mais que se busque um pensamento asséptico e depurado de influências da vida pessoal ou da história, certas situações inevitavelmente deixam marcas. Para fazer-lhe justiça, o pensamento de Tillich deve ser avaliado à luz dessas circunstâncias de vida, com seus dilemas pessoais, e de algumas influências centrais que apenas pude enunciar – o idealismo, o romantismo, o luteranismo, as filosofias da vida, o marxismo, o existencialismo e o expressionismo. Tais sistemas contraditórios foram estudados e experimentados vivencialmente por Tillich de modo muito intenso, com todas as contradições, impasses e encruzilhadas. Mircea Eliade, que colaborou com Tillich na organização do Seminário sobre História das Religiões Comparadas na Universidade de Chicago, prefaciou a última palestra de Tillich afirmando: “Hoje, qualquer estudioso da obra de Tillich sabe muito bem que uma das características mais notáveis de seu pensamento foi a capacidade de renovar-se após o encontro com uma ideologia ou situação histórica radicalmente oposta e diferente da sua” (ELIADE, 1976, p.12, tradução nossa)¹⁷.

¹⁶ I held his hand. I told the nurse, ‘hold his hand’. She was standing on the other side of the bed (...). The nurse said, ‘You’d better leave now, it will be too hard on you’. I shook my head, I held his hand, all of a sudden he let go, his body pranced as if in ecstasy, he fell back, his mouth was open, his face became yellowish. A doctor came in. the nurse led me to a chair near the window. He looked at his eyes. “Do you have a flashlight?” Somebody brought one, and he shined it into his eyes. He closed the eyelids with a professional, gentle gesture. He refrained from pulling the sheet over his face. He turned to me. “She may stay for a little while”, he said. Someone came in and took the oxygen out. (...) I had not brought anything to the hospital since he had been ill, except his Bibles – a small Greek New Testament, a German Bible, which had been his from his first year of life, and an English version. I had hoped to read from the Bible to him when he became restless, if he wished me to, but he had only touched the Greek version with *his* frail hand. He did not wish to see the other Bibles or to have the bible read to him. I was glad. He belonged to the world, to the cosmos, no to one book.

¹⁷ Hoy, cualquier estudioso de la obra de Tillich sabe muy bien que una de las características más notables de su pensamiento fué la capacidad de renovarse después del encuentro con una ideología o situación histórica radicalmente opuesta y diferente a la suya.

Para exemplificar essa situação de deparar-se com pensamentos opostos, tentando fazer justiça ao que de melhor havia em cada lado, e em meio a crises históricas capazes de abalar pressupostos já bem arraigados, Tillich recorreu à metáfora da fronteira e a partir dessa imagem tentou compreender o próprio desenvolvimento de seu pensamento – entre campo e cidade, educação burguesa e decisão socialista, formação puritana e vida boêmia, religião e cultura, Teologia e Filosofia e, finalmente, entre dois continentes e duas culturas – germânica e norte-americana, e acrescentou: “A vida na fronteira, em uma situação limite está cheia de tensão e movimento. Não é estática; trata-se de um avançar-e-retroceder, cujo objetivo consiste em criar uma terceira área para além dos limites territoriais” (TILLICH, P., 1966, p. 47, tradução nossa).¹⁸

Foi exatamente nessas fronteiras e limites, assumindo corajosamente todas as contingências históricas, que Tillich edificou seu pensamento radicalmente dialético, em busca de sínteses, pois para ele “a fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento” (TILLICH, P., 1966, p. 13).¹⁹

Referências

ALBRECHT, R. Paul Tillich – his life and his personality. In: DESPLAND, M., PETIT, J. e RICHARD, J. **Religion et culture** – actes du colloque international du centenaire Paul Tillich. Québec : Les Presses de L'Université Laval, Les Éditions du Cerf, 1987.

BÍBLIA, Tradução em português de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CALVANI, Carlos Eduardo. Paul Tillich – aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, Ano X, n. 10, p.11-36, 1995.

ELIADE, Mircea. “Paul Tillich y la historia de las religiones”. In: TILLICH, Paul. **El futuro de las religiones**. Buenos Aires: La Aurora/Megápolis, 1976.

GROSS, Eduardo. Elementos do pensamento de Schelling na obra de Tillich. **Numen** – Revista de Estudos e pesquisa de religião, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 79-99, 2004.

LEAL, Paulo R. Braga. A influência de Schelling. **Correlatio**, São Bernardo do Campo, v. 14, n. 28, p. 97-115, 2015.

MAY, Rollo, 1974. **Paulus – Reminiscences of a Friendship**. New York: Harper & Row, 1974.

¹⁸ La vida em la fronteira, em una situación limite, está llena de tensión y movimiento. No es estática; se trata de un avanzar-y-retroceder, cuyo objetivo consiste em crear una tercera área más allá de los limites territoriales.

¹⁹ The boundary is the best place for acquiring knowledge.

MUELLER, Enio R. “Paul Tillich: vida e obra”. In: MUELLER, E.; BEIMS, R (orgs). **Fronteiras e Interfaces** – o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Ed. Sinodal/EST, 2005.

MONDIN, Batista. **Os grandes teólogos do século vinte** – vol. II. São Paulo: Paulinas, 1987.

O’MEARA, Thomas. The presence of Schelling in the third volume of Paul Tillich’s *Systematic Theology*. In: DESPLAND, M., PETT, J. e RICHARD, J. **Religion et culture** – actes du colloque international du centenaire Paul Tillich. Québec, Le Press d L’Université Laval, Les Éditions du Cerf, 1987.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Teologia no plural: fragmentos biográficos de Paul Tillich. **Correlatio**, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, 2003.

TILLICH, Hanna. **From time to time**. New York: Stein and day, 1973.

TILLICH, Paul. **Morality and Beyond**. New York, Harper & Row, 1963.

_____. **On the boundary**. New York: Charles Scribner’s sons, 1966.

_____. **My search for Absolutes** (ed. by Ruth Nanda Ansen). New York: Simon and Schuster, 1967.

_____. **The construction of the History of Religion in Schelling’s Positive Philosophy** – its presuppositions and principles. (Translated with an introduction and notes by Victor Nuovo). London: Bucknell University Press, 1974.

_____. **Mysticism and Guilt-Consciousness in Schelling’s Philosophical Development** (Trans. by Victor Nuovo). Lewisburg: Bucknell University Press, 1974.

_____. **The Religious Situation** (1926). New York: Living Age Books, 1956.

_____. “Fronteras” (1962). In: **El futuro de las religiones**. Buenos Aires: La Aurora/Megápolis, 1976.

_____. **Filosofia de la religion**. Buenos Aires. La Aurora, 1976.

_____. **The Socialist Decision** (1933). New York, Harper & Row, 1977.

_____. **A Coragem de Ser** (1952, Trad. Eglê Medeiros). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

_____. **Amor, poder e justiça: análises ontológicas e aplicações éticas** (Trad. Sérgio Paulo de Oliveira). São Paulo, Novo Século, 2004.

_____. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 1986.

_____. One moment of Beauty: In: **On art and architecture**. Ed. John Dillenberger. New York : Crossroad, 1987.

_____. Die Überwindung des Religionsbegriffs in der Religionsphilosophie. In: TILLICH, Paul (CLAYTON, John P., ed.) **Main Works**. V. 4: Writings in the Philosophy of Religion. Berlin, New York : Walter De Gruyter, 1987.

_____. Der Sozialismus als Kirchenfrage (1919). In: TILLICH, Paul (STURM, Erdmann, ed.) **Main Works**. V. 3: Sozialphilosophische und ethische Schriften. Berlin, New York : Walter De Gruyter, 1988.

_____. Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden (1923). In: TILLICH, Paul (WENZ, Gunther, ed.) **Main Works**, V.1: Philosophical Writings/Philosophische Schriften. Berlin, New York: Walter De Gruyter, 1989.

TILLICH, René. My father, Paul Tillich, in: NORD, Ilona e SPIEGEL, Yorich (orgs). **Spu-rensuche. Lebens- und Denkwege Paul Tillichs**. Münster: LIT, 2001.

WEAVER, Matthew Lon. Thrown to the boundary: Tillich's World War I chaplaincy sermons. **Bulletin of the North American Paul Tillich Society** Vol. 32, Number 2 Spring 2006.